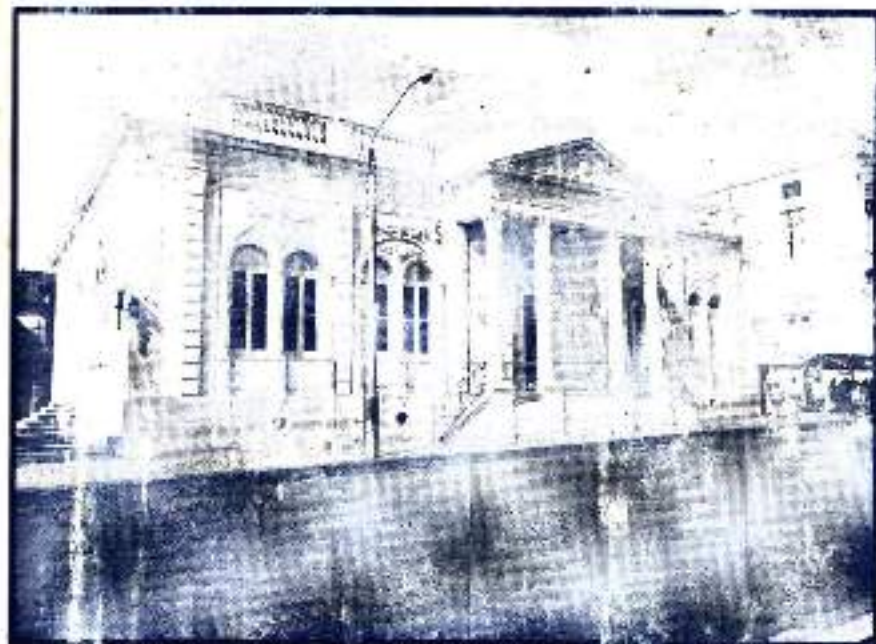


HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

Número 2 - 1996



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

HISTÓRIA EM REVISTA

Núcleo de Documentação Histórica

UFPeI
Editora Universitária

Pelotas - Número 2 - 1996

Class:	<i>Revista</i>
Registro:	<i>585</i>
Data:	<i>24/03/97</i>
Doação:	<i>Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPeI</i>

Reitor:

Prof. Antonio Cesar Gonçalves
Borges

Vice-Reitor:

Prof. Daniel Souza Soares
Rassier

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação:**

Prof. Alci Enimar Loeck

**Pró-Reitor de Extensão e
Cultura:**

Prof. Francisco Elifaete
Xavier

Pró-Reitora Administrativa:

Prof. Inguelore Scheunemann
de Souza

Pró-Reitor de Graduação:

Prof. Paulo Roberto Soares de
Pinho

**Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento:**

Bel. Antonio Leonel da Silva
Cunha

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor:

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira

Gerente Operacional:

Bel. Manuel Antonio da Silva
Tavares

Planejamento Editorial:

José Hermínio Barbuchã

Diretor:

Prof. Sidney Gonçalves Vieira -

Vice-Diretor:

Prof. Sebastião Peres

**Núcleo de Documentação
Histórica da UFPel**

Coordenação Administrativa:

Profª Cláudia Mauch

**Coordenadores de Linhas de
Pesquisas:**

**Quotidiano de Pelotas (e
Região Sul):**

Profª Fábio Vergara Cerqueira

Movimentos Populares:

Profª Beatriz Ana Loner

Antropologia:

Profª Flávia Maria Silva Rieth

Imigração e Gênero:

Profª Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Profª Lorena Almeida Gill

Profª Maria Leticia Mazzucchi
Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

**Digitação, Composição e
Diagramação:**

Mara Lúcia Vasconcelos da
Costa

Ficha Catalográfica: Vera Ruth Machado Campelo

História em Revista. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas; Núcleo
de Documentação Histórica/UFPel, nº 2, 1996, Semestral.

1. Ciências Humanas - Periódico. 2. História - Periódico.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
II FORUM DE TEORIAS DA HISTÓRIA	
1. A SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL	09
Luiz Mott	
2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO.....	29
Themístocles Cezar	
3. O DIÁLOGO TENSO ENTRE PAUL VEYNE E MAX WEBER.....	47
Adhemar Lourenço da Silva Jr.	
PESQUISAS DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel	
1. O ASSENTAMENTO DA PALMA: a individualização do coletivo.....	65
Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Paulo Mattos, César Reis Gomes, Rodrigo Dias	
2. OS JUDEUS EM PELOTAS.....	85
Lorena Almeida Gill, Jairo Luis Fleck Falcão	
HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA	
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES.....	97
Álvaro Moreira Hypolito	
2. O PODER ATRIBUÍDO À MÚSICA NO IMAGINÁRIO GREGO: SUAS MANIFESTAÇÕES E SUAS FUNDA- MENTAÇÕES CULTURAIS	107
Fábio Vergara Cerqueira	

3. FOTOGRAFIA E DOCUMENTO: DUPLICIDADE INALIENÁVEL	137
Francisca Michelon	
4. A INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA EM PELOTAS	149
Gunter Axt	
5. NO LIMITE DA VIDA? NOTAS SOBRE VELHICE E MORTE	175
Maria Leticia Mazzucchi Ferreira	
6. O ENSINO DA HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA	189
Paulo André Passos de Mattos	
7. O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DE PALMARES	201
Pedro Paulo A. Funari	
ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO	209
RESENHAS	
1. Resenha do Livro de GENRO, Tarso. "Utopia possível"	255
Delamar José Volpato Dutra	
2. Resenha do Livro de Priore, Mary Del. "Festas e Utopias no Brasil Colonial"	261
Edgar Rodrigues Barbosa Neto	

APRESENTAÇÃO



O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEI foi criado em março de 1990 tendo como propostas iniciais resgatar e conservar documentos relativos à própria instituição, bem como desenvolver acervo que tivesse como temática organizadora, o movimento operário na cidade de Pelotas. Passados seis anos de sua fundação, o Núcleo ampliou sua abrangência para outras linhas de investigação, contando atualmente com cinco pesquisadores vinculados ao Departamento de História e Antropologia, dois técnico-administrativos e alunos bolsistas, cujas pesquisas tematizam sobre o cotidiano, movimentos sociais, imigração e gênero.

A trajetória que vem trilhando o Núcleo de Documentação nessa sua recente existência mostra sua disposição em abrir-se aos mais variados objetos de investigação, às mais diferentes formas de abordagem do real, concebendo em seu interior profissionais de áreas diversas como historiadores e antropólogos num diálogo extremamente profícuo e contemporâneo que adquire visibilidade na revista que ora trazemos ao público.

O ENSINO DE HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA

Paulo André P. de Mattos*

"Não nos enganemos, a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida. Sobre essa representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, exercitam-se depois opiniões, idéias fugazes ou duradouras, como um amor ... mas permanecem indelévels as marcas das nossas primeiras curiosidades, das nossas primeiras emoções."

Marc Ferro¹

Marc Ferro, com esta afirmação, busca questionar a atuação do professor, profissional de História que atua em sala de aula, ao colocar de frente o papel e a responsabilidade que este deve ter na formação de milhões de jovens e crianças que ocupam atualmente os bancos escolares.

Este questionamento assume uma complexidade maior, na medida que deve partir, não somente da atuação do professor, mas também de sua concepção de História.

* Licenciado em Estudos Sociais - Lic. Plena em História pelo Instituto de Ciências Humanas (UFPEL) e professor da rede estadual de ensino, atuante nos municípios de Pelotas e Morro Redondo; professor do curso supletivo de 2º grau - habilitação magistério da Universidade Católica de Pelotas no município de Santana da Boa Vista; coordenador geral da Associação de Profissionais de História de Pelotas - APHS.

¹ FERRO, Marc. A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação. São Paulo: Ibrasa, 1983.

A História, enquanto disciplina autônoma, surgiu no final do século XIX e entre seus objetivos estava o de criar e propagar um discurso "nacionalista" a partir do estudo do surgimento das nações. No entanto, este processo não se explicava pelas suas contradições e diferenças, mas sim pela noção de consenso e harmonia de um "povo" na sua luta para se constituir enquanto "nação". A disciplina de História tinha, então, por objeto as transformações ocorridas na sociedade - através do tempo - procurando mostrar o "desenvolvimento" e o "progresso" que a humanidade atingiu e poderia vir a atingir, sempre numa perspectiva única e linear.

Essa concepção de História encontra-se, enquanto discurso, ultrapassada. Novos elementos, seja no campo teórico, quanto no campo metodológico vieram lançar novas questionamentos, ao mesmo tempo em que tornaram-se referenciais para se buscar uma renovação desta disciplina.

Hoje é discurso corrente entre os profissionais da área, de que não se trata mais de trabalhar uma História que vise reforçar um discurso ideológico oficial, mas sim uma história que deve ter um conteúdo "crítico" e que mostre a "verdade".

Porém, estes profissionais, se esquecem que esta verdade deve ser relativizada, sob o risco de se assumir o papel, não de professor, mas de um profeta que tem em suas mãos a chave da felicidade e do progresso da humanidade. Nesse sentido, Foucault nos fala sobre o que ele denomina a "vontade de verdade":

"Ora, essa vontade de verdade, como outros sistemas de exclusão, opõe-se sobre um suporte institucional; ela é ao mesmo tempo aprofundada e reconduzida por uma densidade de práticas como a pedagogia, seguramente

como o sistema de livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades sábias de outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é reconduzida também, mais profundamente, sem dúvida pela maneira como o saber é posto em ação numa sociedade, onde ele é valorizado, distribuído e repartido e, de alguma maneira, atribuído."²

São as instituições - igrejas, universidades, partidos políticos, as editoras (que determinam o que deve ser lido), etc. -, as filiações ideológicas e o próprio desenvolvimento metodológico e teórico da ciência, que atuam no sentido de limitar e selecionar o que é a "verdade", excluindo outras "verdades". Em síntese, são as formas de poder que existem na sociedade e a maneira como se dá o relacionamento com estas que determinam o "nosso" conjunto de verdade.

Entretanto, não se quer afirmar que o professor deve tomar uma atitude de neutralidade frente ao conhecimento que ministra, mesmo porque, se tal posição existe, ela é extremamente cômoda. O que deve ficar claro é que se trabalha a partir de uma visão de mundo e que existem outras. Assim, o papel do profissional de História que atua em sala de aula seria o de possibilitar ao aluno instrumento para que este venha a posicionar-se frente ao conteúdo e construir o seu próprio critério de verdade. Para isto é necessário resgatar os "silenciamentos" na história, ou seja, as "vozes" daqueles grupos ou atores sociais que não tiveram as suas leituras de mundo formalmente registradas.

Nesse sentido Walter Benjamin lembra que:

"Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo, 'tal como ele propriamente foi'. Significa

² FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural do Collège de France, proferida a 2 de dezembro de 1970.

apoderar-se de uma lembrança tal qual ela existiu no instante de perigo (...) O perigo ameaça, tanto o conteúdo dado pela tradição como aqueles que o recebem.³

Portanto, a história trabalhará com as representações que os grupos sociais fazem de si mesmos e de outros grupos, estabelecendo uma forte relação entre história e memória, memória que é registrada pelos grupos que a constroem, e que, se possuem uma posição dominante na sociedade, desconsideram os demais registros, privilegiando a sua visão de mundo - a sua "lembrança".

Outro elemento importante é o recorte que é dado ao ensino de História - a tradicional divisão da história em Pré-História e História Antiga, Média, Moderna e Contemporânea, e no qual determinados conteúdos são privilegiados em detrimento de outros. Tal recorte além de não ser questionado - seja no ponto de vista cronológico, seja no sentido de desvendar os elementos que lhe deram origem - parte da idéia de uma História totalizante, com uma perspectiva linear onde os acontecimentos se articulam a partir de uma série de causas e conseqüências, excluindo os fatos, grupos sociais e vivências que não se encaixam nesta lógica. Esta concepção de história trabalha essencialmente com as "transformações", com acontecimentos que trouxeram mudanças profundas em uma dada sociedade, num dado momento, não levando em conta as "permanências", isto é, aquelas estruturas sociais, econômicas, políticas e mesmo mentais que podem ter se mantido após aos processos de transformação. Estas estruturas podem vir a se manifestar no cotidiano, outra dimensão que é, normalmente, desconsiderada no ensino de história.

³ Cfr. em VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et alii. A pesquisa em história. São Paulo: Ática, 1989, p.29.

Sendo assim, é possível se redimensionar o papel do professor, que deve atuar no sentido de romper com a visão tradicional da história buscando um novo recorte. É preciso refletir e repensar a sua prática e subverter o que tem sido realizado até o momento.

Entretanto, no dia-a-dia da sala de aula esta não é uma tarefa fácil, não somente pela necessidade de se adotar uma nova postura, mas também devido aos limites impostos pela organização curricular da escola, o corte tradicional do programa, a falta de material, a imposição do livro didático - normalmente o único recurso utilizado no preparo das aulas de História.

Porém, esta é uma tarefa urgente, pois corre-se o risco de ter o espaço da História ainda mais reduzido nos currículos escolares, de continuar sendo considerada uma disciplina desinteressante para a vida do educando.

É preciso acabar com esta distância. É imprescindível o resgate da História enquanto um processo que é constituído por seres humanos, pessoas que tem suas lutas, suas alegrias, suas tristezas, suas frustrações, seus desejos, abrindo assim uma "porta", um ponto de encontro, entre o homem "contemporâneo" e o homem do "passado", construindo uma identificação entre esses homens que viveram e vivem em realidades diferentes.

Isto é possível na medida em que se compreende que a História não está restrita aos currículos escolares, ela é um fazer-se diário. O educando ao entrar na escola traz consigo uma história - resultado de sua experiência vivida - que é desconsiderada por esta instituição. E a forma de resgatar esta vivência é confrontá-la com outras vivências -

de outros povos e de outras épocas. É resgatar a dimensão do cotidiano na História.

Porém, é preciso que a dimensão do cotidiano não deva estar presa à perspectiva do individual, mas do coletivo. Não se deve esquecer que a história é construída através da ação dos grupos humanos, portanto, faz-se necessário, redimensionar este cotidiano, incorporando-o a ação coletiva.

"A vida cotidiana é a vida de todo o homem. Todos o vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora esta o absorva preponderantemente. (...)

O representante do humano genérico não é jamais um homem sozinho mas sempre a Integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) - bem como freqüentemente, várias integrações - cuja a parte consciente é o homem e na qual se forma sua consciência de nós.⁴

Até aqui se procurou discutir o ensino de história e algumas de suas concepções, buscando introduzir elementos que sirvam como ponto de partida para uma redefinição do ensino desta disciplina. Embora esta discussão não seja nova, muito pouco tem se feito a respeito. As aulas de História continuam tendo como material básico o livro didático e uma série de questionários que tem por objetivo levar o educando a memorizar uma série de nomes, datas e fatos, não exigindo

⁴ HELLER, Agnes. O Cotidiano da História. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

uma reflexão e muito menos um posicionamento do aluno frente aos temas trabalhados.

Uma das formas de romper com esta realidade é introduzindo elementos novos no ensino, entre estes a utilização de documentos e de textos da literatura de ficção.

A utilização de documentos permite-se trabalhar com fontes o que, por sua vez, possibilita a reflexão não apenas sobre o que está escrito mas sobre as dificuldades do historiador ao realizar esta tarefa, uma vez que é a partir dessas fontes que este profissional reconstruiu e interpretou um momento da história da humanidade. Ao discutir este trabalho os educandos perceberão que nem todos chegaram às mesmas conclusões tornando o debate mais rico a partir das divergências de opiniões e posições.

Por exemplo, por que, ao se discutir a Expansão Marítima Européia, no lugar de se utilizar um manual didático, que já traz um conteúdo acabado - e uma "verdade" incontestável - não se trabalha com trechos do diário de Colombo sobre sua viagem para a "América"? Ou, então, o diário de Antonio Pigafetta sobre a 1ª viagem de circunavegação? Por acaso não é possível se perceber nestes textos as motivações para empreender tais aventuras? As dificuldades encontradas por estes navegadores e suas tripulações? O seu cotidiano em uma viagem que poderia não ter fim?

"(...) Assim que, depois de terem expulsos todos os judeus de vossos reinos e domínios, no mesmo mês de janeiro mandaram Vossas Majestades que eu me dirigisse, com suficiente frota, às referidas regiões da Índia; e para tanto me concederam grandes mercês e me enobreceram para que daí por diante me intitulasse "Dom" e fosse Almirante-Mor do Mar Oceano, Vice-Rei e Governador Perpétuo de

todas as ilhas e terra firme que descobrisse e conquistasse (...)

Segunda, 10 de setembro. Entre o dia e a noite, percorreu sessenta léguas, a dez milhas por hora, o que vem a dar duas léguas e meia; mas só registrou quarenta e oito, para que ninguém se assustasse se a viagem fosse longa. (a tripulação se angustiava com a viagem para o oeste pois quase todos acreditavam que a terra era plana e que tal jornada poderia conduzi-los ao abismo da beira do mundo).

Quarta, 10 de outubro - Aqui os marinheiros já não aguentavam mais; queixavam-se da longa viagem. O Almirante, porém, incentivou-os o quanto pôde.

Quinta, 11 de Outubro - Navegou para oeste-sudoeste. Viram pintaroxos e um junco verde junto à nau. Os tripulantes da caravela "Pinta" viram um talo de cana-de-açúcar e um pedaço de pau, e apanharam outro pauzinho lavrado semelhante a uma barra de ferro. Diante destes sinais todos respiraram e se alegraram. Às duas horas da madrugada surgiu (visivelmente) a terra, da qual estavam a apenas duas léguas de distância. Arriaram todas as velas e ficaram só com a da popa, que é a grande e sem suplementares, e puseram-se à espa, contemporeizando até a sexta-feira, quando chegaram a uma ilha dos Tucanos, que em língua de índios se chamava "Guamahani". Logo apareceu gente nua, e o Almirante saiu rumo à terra no barco armado, Com Martín Alonso Pinzón e Vicente Yáñez, seu irmão, comandante da "Niña". Ao desembarcarem viram árvores muito verdes, muitas águas e frutas de várias espécies. O almirante chamou os dois comandantes e demais acompanhantes, e Rodrigo de Escovedo, escrivão de toda a armada (...) e pediu que lhe dessem por fé e testemunha como ele, diante de todos, tomava, como de fato tomou, posse da dita ilha em nome de El-Rei e da Rainha, seus soberanos (...)"⁵

⁵ COLOMBO, Cristóvão. *Diários da Descoberta da América (1492/1493)*. In SEPNER, Fernando (org.) *América 92 - V séculos de História/500 anos de luta*. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pp. 19-21.

"Safda do estreito - Na quarta-feira, dia 28 de novembro de 1520, saíamos do estreito para entrar no grande mar, ao qual em seguida chamamos de Pacífico, e onde navegamos durante três meses e vinte dias sem provar nenhum alimento fresco.

Má alimentação no Oceano Pacífico - Já não tínhamos mais nem pão para comer, mas apenas polvo impregnado de morecos, que tinham lhe devorado toda a substância, e que tinha um fedor insuportável por estar empapado em urina de rato. A água que tínhamos para tomar era igualmente pútrida e fedorenta. Para não morrer de fome, chegamos ao ponto crítico de comer pedaços de couro com que se havia coberto o mastro maior, para impedir que a madeira roçasse as cordas.

Penúria extrema - Freqüentemente nossa alimentação ficou reduzida à serragem de madeira como única comida, posto que até os ratos, tão repugnantes ao homem, chegaram a ser um manjar tão caro, que se pagava meio ducado por cada um.

Escarbuto - Mas isto não foi o pior. Nossa maior desdita foi nos vermos atacados por uma enfermidade pela qual as gengivas incham até o ponto de sobrepassar os dentes, tanto na mandíbula superior como da inferior. E os atacados por esta enfermidade não podiam tomar nenhum alimento. Morreram dezenove, entre eles o gigante patagão e um brasileiro que ia conosco."⁶

Na ficção literária também encontram-se elementos que podem contribuir na compreensão desse período. Por exemplo, em "As viagens de Gulliver" de Jonathan Swift, encontram-se um dos mais ferozes ataques a expansão colonialista européia realizada durante os séculos XVI e XVII e XVIII:

"Suponhamos que um navio... seja atirado por uma tempestade a algum lugar desconhecido; afinal o grumete avista terra do mastaréu, descem para roubar e saquear, encontram um povo inofensivo... dão ao país um novo

⁶ PIGAFETTA, Antônio. *A primeira viagem de volta ao mundo*. In MARQUES, Ademar et alii. *História Moderna através de textos*. São Paulo, Contexto, 1989, pp.76-76.

nome. Tomam dele posse formal... erguem à guisa de marco, uma tábua podre... Aqui principia um novo domínio... Os nativos são expulsos ou destruídos para que revelem onde está seu ouro... e esta horda execrável de carneiros, empregados em tão pia expedição são modernos colonizadores, enviados a converter um povo idólatra e bárbaro."⁷

É o que pensava o homem comum, na Europa do século XVIII, sobre essa expansão marítima? De que forma sua vida foi afetada? Será que as "novas" terras descobertas eram festejadas por todos? Essa discussão pode ter como ponto de partida o texto de Patrick Süskind, que coloca os questionamentos de um artesão francês - um fabricante de perfumes - sobre as mudanças ocorridas na sua época.

"(...) Uma coisa dessas nem teria sido possível antigamente! que um respeitado artesão e experiente "commerçant" tivesse de lutar por sua simples existência, isso só se via há alguns poucos decênios! Desde que, por toda a parte e em todos os setores, havia reventado a frenética ansia por inovação, essa desenfreada paixão por fatos e feitos, esse frenesi de experimentações, essa ambição louca no comércio, nos negócios e nas ciências!

Ou a loucura da velocidade! Para que se precisava de todas essas estradas novas, que eram escavadas por toda a parte, e as novas pontes? Para que? Será que era vantagem poder viajar até Lyon em uma semana? A quem importava isso? A quem isso seria vantajoso? Ou viajar p'ra sobre o Atlântico, e zunir em um mês na América - como se durante milênios não tivesse se passado muito bem sem esse continente. O que o homem civilizado tinha perdido na mata virgem dos índios ou entre os negros? Até para a Lapônia se ia, isso ficava ao norte, nos gelos eternos, onde viviam selvagens devoradores de peixe cru. E ainda

⁷ SWIFT, Jonathan. *As Viagens de Gulliver*. In MARANHÃO, Ricardo et alii. *Brasil História - texto e consulta* (Colônia), 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, pp.77.

queriam descobrir mais um continente, que se supunha estar no oceano meridional, seja lá onde isso fosse. E para que essa loucura? Por que os outros também o faziam, os espanhóis, os malditos ingleses, os impertinentes holandeses, com os quais se precisava então ficar brigando, luxo a quem nem se podia dar. Um navio de guerra desses custava 300.000 libras bem contadas, e se afundava em cinco minutos com um único tiro de canhão, para nunca mais ser visto, pago com os nossos impostos."⁸

Sem dúvida, o texto de ficção apresenta algumas vantagens em relação ao texto didático, ou mesmo, em relação ao trabalho com documentos - uma vez que utilizam uma linguagem muito mais atrativa, por vezes poética, o que acaba por tornar a leitura menos árida. O autor, ao compor seus personagens, seus ambientes, sua época e seus sentimentos constrói uma narrativa onde os indivíduos não são seres anônimos, eles têm a sua história, seus conflitos. Na realidade são pessoas concretas, passíveis de serem localizadas no tempo e no espaço, que possuem as mais diversas atividades, paixões e sentimentos, uma dimensão que o texto não tem condições de abordar, mesmo porque não é este o seu objetivo.

Porém, alguns cuidados são importantes ao se trabalhar com textos de ficção. É necessário compreender-se que, muitas vezes, estes textos trazem distorções, ora fruto do desconhecimento do autor sobre o período que aborda em sua obra, ora com o objetivo de enriquecer a sua trama. Mesmo as obras contemporâneas aos períodos analisados, são passíveis deste risco, pois são representações do autor sobre sua realidade, resultado da sua forma de ver e encarar o mundo. É fundamental que o educando tenha claro essa discussão ao analisar

⁸ SÜSKIND, Patrick. *O perfume: a história de um assassino*. Rio de Janeiro: Record, 1985, pp.59-65.

uma obra de literatura, principalmente quando o seu objetivo é buscar elementos que possibilitem uma melhor compreensão de um dado período da história.

A estas, somam-se, inúmeras outras possibilidades de trabalho no ensino de história, pois ainda podem ser utilizados vídeos, pesquisas orais sobre história de vida, análises iconográficas etc., mas estes recursos, ainda pouco explorados, de nada adiantarão, se não houver por parte do profissional uma postura de valorização de seu trabalho, questionando-se sobre a sua atuação, sua concepção de História e de ensino.

Este artigo teve por objetivo, não somente levantar uma reflexão sobre o ensino de História mas também de discutir algumas alternativas para o trabalho desta disciplina. Os exemplos analisados acima não respondem as indagações e preocupações dos profissionais desta área, mas espera-se que sirva, pelo menos, para apontar alguns caminhos e possibilite um debate mais consequente sobre esta área do conhecimento.